



“Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”

Eixo temático: Movimentos Sociais e Serviço Social

MOVIMENTOS SOCIAIS, PANDEMIA E O USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICs): repertórios e abordagens emergentes

ROSANGELA DIAS OLIVEIRA DA PAZ ¹
RODRIGO AUGUSTO T. M. LEAL DA SILVA ²
IVALOO GIORGE GUSMÃO ²
MIRIAN MARIA DE OLIVEIRA ²
VICTORIA CHAVES CARDOSO ²

RESUMO

O artigo tem como objetivo fomentar o debate sobre a apropriação pelos movimentos sociais das tecnologias de informação e comunicação em tempos de pandemia e seus impactos na dinâmica e organização interna. Parte-se dos relatos de experiência dos movimentos: Movimento Sem Terra (MST/SP); Movimento de Mulheres Olga Benário (SP); União dos Movimentos de Moradia do Estado de São Paulo (UMM); ONG SOMOS - Comunicação, Saúde e Sexualidade (RS) e Movimento Indígena vinculado à cultura Guarani Nhandeva (SP). As reflexões indicam reconfigurações da participação, conflitos geracionais e dialogam com as desigualdades estruturais, de classe, raça, gênero e sexo, da sociedade brasileira.

-
- 1 Professor com formação em Serviço Social. Programa De Pós-graduação Em Serviço Social Da Pontifícia Universidade Católica De São Paulo
 - 2 Estudante de Pós-Graduação. Programa De Pós-graduação Em Serviço Social Da Pontifícia Universidade Católica De São Paulo
-

Palavras-chave: Movimentos sociais, pandemia, tecnologias de informação e comunicação.

ABSTRACT

The paper discusses how social movements appropriated Information and Communications Technology during the Covid-19 pandemic, regarding its impacts on their dynamics and internal organization. The starting point for this paper is the experience report of the Brazilian social movements Movimento Sem Terra (MST/SP), Movimento de Mulheres Olga Benário (SP), União dos Movimentos de Moradia do Estado de São Paulo (UMM), NGO SOMOS - Comunicação, Saúde e Sexualidade (RS) and Guarani Nhandeva Indigenous Culture Movement. The research dialogs with structural inequalities of class, race, gender and sex of Brazilian society, indicating generational conflicts and changes in social movement participation.

Keywords: Social movements, pandemic, Information and Communications Technology.

1. INTRODUÇÃO

As mudanças no padrão de acumulação capitalista têm, entre suas marcas, a hegemonia financeira, a mercadorização das instituições públicas e o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (TICs). O momento histórico presente, marcado por tais contradições e pela mercantilização da vida em escala recorde, tem aprofundado as desigualdades sociais, de classe, raça, gênero e sexo na sociedade brasileira, através da destituição de direitos, dos ataques a democracia e da participação social, das contrarreformas, trabalhista e da

previdência social, e da ampliação das privatizações dos serviços públicos. A crise sanitária do coronavírus em suas múltiplas dimensões dá a forma material das consequências desse processo de acumulação, evidenciando contradições de um sistema pautado pelo desgaste ambiental e climático, pela falta de investimento em ciência, pesquisa e saúde, e, na escassez de políticas de enfrentamento por parte dos Estados capitalistas.

Nossos estudos e pesquisas, no período de pandemia do coronavírus, foram direcionados a pensar como os movimentos sociais se apropriaram (ou não), das ferramentas informacionais, compreender quais os impactos do uso de tecnologias digitais na dinâmica e organização interna de um movimento social e, em que medida as desigualdades estruturais da sociedade evidenciaram-se no cotidiano de lutas e resistências .

Devido às restrições sanitárias, adotamos o procedimento metodológico de realização de estudos teóricos sobre a temática e rodas de conversa (por meio virtual) com representantes de diferentes movimentos sociais. O objetivo foi de conhecer e aprofundar os conhecimentos a respeito deste tema partindo dos relatos de experiências nas rodas de conversa com representantes e/ou participantes dos seguintes movimentos e organizações: Movimento Sem Terra (MST/SP); Movimento de Mulheres Olga Benário (SP); União dos Movimentos de Moradia do Estado de São Paulo (UMM); ONG SOMOS – Comunicação, Saúde e Sexualidade, sediada na capital gaúcha; e um representante do Movimento Indígena, vinculado à cultura Guarani Nhandeva, do interior do Estado de São Paulo.

Neste sentido, essa produção foi elaborada coletivamente pelas/os autoras/es como forma de sintetizar as reflexões e as narrativas acerca dos aspectos da incorporação das ferramentas digitais pelos movimentos sociais durante a pandemia do COVID-19. Além disso, buscamos aqui evidenciar aspectos conjunturais e os marcadores sociais que aparecem de maneira recorrente nas falas das representações dos movimentos ao longo das rodas de conversas, dentro os quais, destacamos: desigualdade e exclusão digital, acesso assimétrico a internet de qualidade; conflitos geracionais no uso das tecnologias; combate a *fake news*; e o caráter contraditório do espaço virtual.

Ao longo do estudo, foi possível observar, que o uso de ferramentas digitais para comunicação dos movimentos sociais possui um impacto político de mobilização e de articulação; ao mesmo tempo, o uso da internet é apontado por representantes dos movimentos como uma ferramenta/ação para fortalecer a dimensão formativa e organizativa e ampliar o alcance de suas reivindicações políticas.

Nossas reflexões e análises partem de algumas perspectivas teóricas a respeito do tema. Com efeito, Adams e Streck (2010) afirmam que as tecnologias digitais precisam vir acompanhadas de vigilância crítica sobre seu significado e alcance uma vez que não são neutras, concordando com Barbero (2002, p. 19), para quem

As tecnologias não são neutras, pois hoje mais do que nunca constituem enclaves de condensação e interação de interesses econômicos e políticos com mediações sociais e conflitos simbólicos. Por isso mesmo, continua ele, são constitutivas de novos modos de construir opinião pública e de novas formas de cidadania, isto é, de novas condições em que se diz e se faz a política³.

Historicamente, como leciona Alcântara (2016), desde a década de 90 as ações coletivas e os movimentos sociais têm sido transformados pelas possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias da comunicação e da informação, de forma que a utilização das mesmas pelos movimentos sociais vem “mudando a maneira pela qual os ativistas comunicam, colaboram e manifestam” (GARRETT, 2011, p. 2002 *apud* ALCÂNTARA, 2016, p. 315-316).

O esforço da incorporação das tecnologias digitais nos movimentos sociais, conforme os relatos dos encontros, é anterior à necessidade do isolamento social como medida de prevenção a pandemia do Covid-19; porém, o cenário pandêmico de certa forma impôs aos movimentos adequações em sua dinâmica e organização e acelerou e popularizou o uso de ferramentas, em especial a comunicação pelo *Whatsapp* e de reuniões virtuais, através de plataformas digitais. Mas o cenário de

3A tradução é de Adams e Streck (2010, p. 125) para o original em espanhol: “las tecnologías no son neutras pues hoy más que nunca ellas constituyen enclaves de condensación e interacción de intereses económicos y políticos con mediaciones sociales y conflictos simbólicos. Pero por eso mismo ellas son constitutivas de los nuevos modos de construir opinión pública y de las nuevas formas de ciudadanía, esto es, de las nuevas condiciones en que se dice y hace la política” (BARBERO, 2002, p. 19).

pandemia impôs aos movimentos o desafio de se reinventar, já que não era possível a realização de encontros e manifestações presenciais, que marcam o modo de fazer política e de reivindicação dos movimentos sociais.

Fica evidente a importância de os movimentos se apropriarem dessas tecnologias sem se desprender do trabalho de base vinculado aos territórios das sujeitas e sujeitos que o constituem.

2. PANDEMIA, DESIGUALDADES E MOVIMENTOS SOCIAIS

A crise pandêmica deflagrada pelo vírus SARS-CoV-2, ou Covid-19, escancarou e aprofundou a desigualdade social no mundo e em particular no Brasil, onde os trabalhadores/as, moradores/as das periferias das cidades, negros/as, mulheres e a população LGBTQIA+ são as maiores vítimas, revelando a desigualdade estrutural, classista, racializada e sexualizada.

Pesquisas revelam que os/as trabalhadores/as do campo e da cidade, os/as trabalhadores/as do mercado informal, as populações indígenas, quilombolas, ribeirinhas, a população em situação de rua, pessoas catadoras de lixo, os/as refugiados/as, as famílias chefiadas por mulheres, foram os grupos sociais mais atingidos durante a crise sanitária do Covid-19. Neste sentido, a contaminação em massa, as impossibilidades de isolamento social, a perda de renda e a insegurança alimentar, são elementos que, juntamente com o desmonte das políticas públicas e sociais, a crise econômica e política que se acentuou exponencialmente após o golpe que destituiu a presidenta Dilma Rousseff, reverberam o impacto social da Pandemia: “a resposta à pandemia reproduz e exacerba os padrões de exclusão social e de violência que já eram identificados antes desse vírus” (MADRIGAL-BORLOZ pg.5, 2020).

Chaves e Pismel (2021) defendem que os movimentos sociais na pandemia

brasileira viveram em um contexto mais de ameaça do que de oportunidades, mas que não ficaram sujeitos a estímulos e/ou restrições políticas externas, criando oportunidades para si e para outros atores políticos, na medida em que desenvolveram suas ações, operando três deslocamentos significativos:

1. Reagiram às ameaças da pandemia e da desdemocratização; 2. Construíram *frame bridges*, ou seja, pontes entre suas bandeiras de luta e a situação da pandemia; 3. Estão construindo uma nova concepção de solidariedade de sentido público democrático que chama atenção para o dever coletivo de responsabilidade pública (PISMEL; CHAVES, 2021, p. 3).

Os desafios impostos pela pandemia, em especial as desiguais consequências dela para a classe trabalhadora, surgiram nas falas durante as rodas de conversa na perspectiva de desafio e resistência. Todavia, o estreitamento da relação com ferramentas tecnológicas de comunicação, inclusive redes e mídias sociais, não se deu para todos os movimentos entrevistados por força do contexto pandêmico - como veremos mais adiante, no caso do MST, da SOMOS, do Movimento de Mulheres Olga Benário e do movimento indígena, já havia aproximações anteriores, em maior ou menor grau, sobretudo no uso de mídias sociais como *Facebook* e *Instagram*, ainda que a pandemia tenha feito aumentar esse uso.

Não obstante, os desafios trazidos pela pandemia exacerbaram a necessidade de ações urgentes para organização coletiva, onde os meios tecnológicos de comunicação aparecem como ferramentas possíveis diante das medidas de isolamento social. Nesse sentido, a representante do Movimento de Mulheres Olga Benário destaca a emergência da convocação de plenárias online, exemplificando no processo de organização da Ocupação Laudelina Campos de Melo, realizada em São Paulo pelo movimento e, que teve com o objetivo abrigar mulheres vítimas de violência durante a situação mais restritiva da Covid-19.

No caso do MST, o diálogo revelou que a partir dos anos 2000 o movimento começou a incorporar em suas comunicações, o uso de redes sociais (*Facebook*, *Instagram* e *Twitter*), mas ainda de maneira restrita a informativos. Com a pandemia, o grupo expandiu o uso dessas ferramentas que passaram a ser necessárias e

obrigatórias às atividades do movimento.

Para a UMM-SP o uso de redes sociais como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e *Whatsapp* são anteriores ao período da pandemia. O uso do site do movimento já era uma forma de comunicação muito utilizada e não era incomum realizar reuniões virtuais nacionais e internacionais. Entretanto, durante a pandemia do Covid-19, o movimento ampliou o uso das redes sociais e demonstrou resultados positivos. No *Facebook* o movimento teve maior crescimento de seguidores, no *Whatsapp* foram criados mais de 300 grupos, em aplicativos de reuniões o movimento realizou encontros de coordenação (ordinárias) e grupos de trabalho, além dessas ferramentas, a UMM realizou *lives* para transmitir cursos, seminários e assembleias mensais, como o Seminário Nacional de Regularização Fundiária, que obteve quinze mil visualizações e a participação de 200 pessoas no Curso de Autogestão. O movimento experimentou elaborar documentos online com maior frequência, obteve maior acompanhamento nas reuniões dos Conselhos de Habitação e Política Urbana, participou de mais audiências públicas e acompanhou mais votações na Câmara Municipal. O menor custo pela ausência de deslocamento também foi um facilitador para ampliar a participação. Esses dados revelam a ampliação do uso das TICs.

A UMM aponta que durante a pandemia do Covid -19 manteve seu centro comunitário aberto, orientou e auxiliou os militantes na obtenção do auxílio emergencial e realizou a distribuição de doações. Entretanto, os desafios do trabalho de base, a volta para o território após a pandemia e o cotidiano pós-pandêmico acrescido do cenário de desmonte das políticas públicas, podem impactar as agendas de luta do movimento e as ações no território.

3. DESIGUALDADES NO ACESSO À INTERNET: CONECTIVIDADE COM QUALIDADE E DISPARIDADES GERACIONAIS

O debate sobre as dificuldades enfrentadas nos movimentos sociais para

incorporação e uso de ferramentas digitais destaca elementos centrais como: as desigualdades no acesso à internet e as diferenças e conflitos geracionais. Ou seja, barreiras culturais, econômicas, territoriais e geracionais se apresentam, ao passo que, ao mesmo tempo o uso das redes sociais rapidamente tornou-se uma grande e potente estratégia de participação de jovens em movimentos sociais, a mesma estratégia acentuou as dificuldades encontradas por gerações não tão familiarizadas com os meios digitais, como é o caso das pessoas idosas que encontram maiores barreiras na militância digital.

Arretche (2019) aponta que as desigualdades digitais revelam as desigualdades regionais e estruturais da sociedade brasileira,

O fato é que duas ordens de desigualdades territoriais convivem no Brasil. A primeira divide o meio urbano do rural, em que as taxas de conexão são sistematicamente inferiores no campo, para todas as regiões brasileiras. A segunda é socioeconômica, já que as regiões Norte e Nordeste, que concentram espacialmente o maior contingente de pobres do país, também apresentam sistematicamente taxas inferiores às das regiões mais ricas (p. 61 e 62).

No mundo digital, aprofundam-se as desigualdades de renda e territoriais, há oportunidades diferentes a partir da inserção no mundo digital, da capacidade de compra, da disponibilidade de acesso, e do lugar onde se mora. Nesse sentido as novas tecnologias digitais não eliminam as barreiras sociais e geográficas.

Segundo a representante do MST, o movimento é organizado por regionais, sendo dez no estado de São Paulo, mas nem todos possuem as mesmas condições para o uso da tecnologia. No processo de organização dessas regionais, há uma diretriz do Movimento Nacional para que sejam criados coletivos de comunicação, responsáveis por aprimorar e estender as informações, principalmente no sentido de esclarecer à população em geral sobre a identidade e objetivos do Movimento. Todavia, as regionais que ainda não conseguiram se estruturar conforme as diretrizes, contam com apoio de pessoas voluntárias, em grande parte, jovens mais familiarizados com as TICs. O acesso à internet ainda não está totalmente incorporado nas práticas cotidianas do MST, seja pela precariedade da tecnologia que chega aos assentamentos, que estão localizados na área rural, onde o acesso

ainda é difícil, seja pela dificuldade das pessoas idosas. Para superar as dificuldades de acesso decorrentes da baixa qualidade de conexão, o MST estrategicamente criou pontos específicos nos quais se investiu numa rede de melhor qualidade.

Para a representante do Movimento de Mulheres Olga Benário, as atividades do movimento exigiram, principalmente durante o período de pandemia sob os protocolos sanitários de distanciamento social, o aumento dos canais online para participação. Contudo, muitas mulheres que não possuíam celular e tampouco acesso à internet não conseguiram participar das reuniões online organizadas pelo movimento. E ainda, além das dificuldades de acesso à internet, evidenciou-se a dificuldade geracional e econômica, já que uma parcela das militantes idosas apresenta dificuldades com o manuseio das tecnologias.

A fala da representante da UMM também destacou a presença de substanciais dificuldades na utilização de novas tecnologias de comunicação decorrentes de desigualdades. Nela foi destacada, por exemplo, a dificuldade de acesso a equipamentos (celulares e computadores) e, quando possível esse acesso, a imperatividade de se fazer vídeos condensados pelo fato de militantes não possuírem pacotes de dados suficientes para a realização de reuniões online. Nesse diapasão, verificou-se a impossibilidade de participação de todas as pessoas integrantes, e, ainda, o fato de que muitas delas só recebiam informações sem conseguir participar ou melhor se comunicar.

A representante da UMM observou que há um analfabetismo virtual, materializado na falta de familiaridade com a linguagem tecnológica, bem como a questão geracional e as dificuldades de leitura e de interpretação de texto. Esses aspectos se expressam na participação sem foco e concentração, no excesso de informações desnecessárias veiculadas pelo aplicativo *Whatsapp* e o personalismo, referindo-se à dificuldade de se enxergar o coletivo por meio das ferramentas virtuais – algumas pessoas se sobressaiam e tinham maior visibilidade, sobretudo pela facilidade e familiaridade com as redes.

Esses problemas, aliados à sobreposição de agendas e à falta de contato pessoal e humano direto – “olho no olho” – em especial nas situações de conflito, geraram a dificuldade nas tomadas de decisão. Nesse cenário, instada a superar

tais adversidades, a UMM adotou uma série de estratégias: promoveu curso de comunicação (como abrir e fechar câmera e microfone, fazer cards etc.); divulgou vídeos de orientação para participação nas reuniões; compartilhou equipamento da associação, inclusive computadores e cadeiras; abriu o sinal de internet no centro comunitário para quem precisasse; e, ainda, no tocante às disparidades entre gerações, convidou netas e netos a auxiliarem familiares na participação online das atividades do movimento.

O representante do movimento indígena salientou que as dificuldades do acesso à internet, configura-se pelo sinal ruim na zona rural e pelo baixo poder aquisitivo para a obtenção de um aparelho móvel, muitas famílias compartilham um único aparelho celular com acesso às redes sociais.

No tocante às questões geracionais, esclareceu que, em algumas aldeias próximas, jovens que têm acesso às mídias sociais compartilham entre eles o aparelho móvel: por conseguirem utilizar melhor a tecnologia, são procurados pelas lideranças idosas das aldeias. Além disso, a participação de jovens no uso da tecnologia acabou destacando a inclusão de novas lideranças juvenis e muitas destas se tornaram figuras destacadas na aldeia para a transmissão das informações – algumas e alguns, destacou, tornaram-se *youtubers*, difundindo em seus canais a cultura indígena e seus modos de vida, ganhando notoriedade e tendo assim uma grande responsabilidade com a causa indígena.

A questão geracional face às novas tecnologias também apareceu no movimento indígena. Para o representante ouvido, as pessoas idosas defendem que não se pode colocar em primeiro plano as “coisas” materiais, pois é preciso compreender a linguagem da floresta, do vento, da mãe terra, para assim entender o mundo e a humanidade. Esse segmento também usa a internet para a divulgação do trabalho, mas o fazem preservando a cultura indígena. O tensionamento com os jovens foi exemplificado com o caso de um jovem que tinha trabalhado muito para comprar um celular usado, mas que, depois de duas semanas, devolveu o aparelho, após conversa com a liderança, pois iria passar por um ritual sagrado e o celular iria atrapalhar.

A fala do representante da SOMOS, diferencia-se das demais, ao salientar

que esta é uma ONG mais jovem, formada por ativistas provenientes de outras organizações, onde a utilização de redes sociais como o *Facebook* e o *Instagram*, sobretudo este último no período mais recente, sempre fez parte do seu repertório. A SOMOS foi fundada por jornalistas e comunicação de forma profissionalizada, inclusive por meio da internet, sempre foi uma preocupação central para sua atuação. Os conteúdos veiculados pela SOMOS são elaborados a partir não somente de preocupações éticas mas também estéticas, de design, chegando até mesmo à produção de documentários com cineastas gaúchos, como a organização e coordenação de um festival nacional de cinema da diversidade sexual, já com seis edições, e a produção da parada LGBT local. Mas, apesar dessa ênfase, observa que nem sempre a população usuária da ONG dispõe de condições de atendimento virtual, preferindo ainda o atendimento presencial ao telefônico ou por *Whatsapp*.

Na UMM, os jovens passaram a confeccionar novos produtos, dar caras novas aos tradicionais processos de organização e protesto. Entretanto, a novidade entra em conflito com as formas tradicionais, disputas passam a ocorrer, as lideranças mais idosas têm medo de não dar certo, medo de perder seu espaço. Há uma necessidade de abertura de espaço, uma busca de equilíbrio pois são desafios dos novos tempos, porém, as diferenças geracionais e as diferentes habilidades podem criar cisões dentro do próprio movimento.

Apesar de conflitos e contradições, é possível perceber que os jovens, através das TICs, passam a intervir nas formas de organizar, mobilizar e participar dos movimentos sociais.

Em relação ao *Whatsapp*, todos os participantes das rodas de conversa afirmam que é a ferramenta de comunicação e informação mais popular. O MST utiliza para a realização de reuniões e formações à distância, na UMM é a ferramenta mais utilizada, inclusive com a criação de mais de 300 grupos pelo movimento, da mesma forma, pelo movimento indígena e pela SOMOS.

No caso do MST foi destacado o *Whatsapp* como uma ferramenta eficaz com informações, orientações, esclarecimentos às mulheres do assentamento no que diz respeito à violência contra elas, pois durante a pandemia observou-se que houve um aumento da violência doméstica e essa ferramenta foi importante para denunciar e

coletivizar as mulheres.

Assim, apesar das dificuldades oriundas das desigualdades de acesso, seja a um aparelho celular, seja a uma conexão de internet suficiente ou mesmo à mencionada alfabetização digital, o aplicativo de mensagens criptografadas ponta a ponta aparece com considerável importância nas ações cotidianas dos movimentos entrevistados.

As dificuldades relatadas pelos movimentos para o acesso da população de menor renda às tecnologias de informação são analisadas por Arretche (2019, p. 61) que afirma que “[...] no caso brasileiro, as desigualdades territoriais do mundo off-line ainda são um forte preditor das desigualdades do mundo on-line”, portanto, a qualidade do acesso e o uso da internet estariam associados a desigualdade estrutural da sociedade brasileira.

A autora afirma também que o Brasil é um caso claro de estratificação digital ao concatenar no mundo digital internautas de primeira e segunda classe e padrões de acesso e uso da Alemanha e da Índia ao mesmo tempo (ARRETCHE, 2019).

Outra observação importante diz respeito ao momento de incorporação das TICs pelos movimentos: enquanto a UMM e o Movimento de Mulheres Olga Benário têm relatadas maior aderência a elas mais pelo contexto da pandemia, no caso do movimento indígena e da SOMOS nota-se uma nítida influência geracional de mais jovens, avançando na incorporação das TICs antes mesmo do contexto pandêmico. Já no caso do MST, como relatado por sua representante, a utilização das TICs, em especial das mídias sociais, diz respeito, ainda, à desconstrução de estigmas e combate às chamadas *fake news* veiculadas contra o movimento na grande mídia o que veremos no próximo tópico

Destaca-se também outro aspecto apontado pela representante do MST sobre o efeito das TICs na vida dos trabalhadores. Percebe-se impactos na saúde mental dos participantes do movimento, motivadas pelo excesso de demandas, atividades *on-line* e o tempo dedicado às redes sociais. Também o representante do movimento indígena observa o fascínio dos jovens com jogos virtuais, que muitas vezes, prejudica estudos e compromissos com a comunidade, mas, também amplia possibilidades de conhecimento e de criação, como foi o caso de um jovem que por

meio da tecnologia, criou uma música para incentivar o movimento a participar de um acampamento em Brasília.

4. ESPAÇO VIRTUAL: CONTRADIÇÕES E FAKE NEWS

O caráter eminentemente contraditório do espaço virtual, sobretudo em virtude das disputas narrativas em torno das notícias falsas, as chamadas *fakes news*, apareceu enfatizado em praticamente todas as falas das representações de movimentos sociais.

No caso do MST, a questão do combate a elas foi um dos elementos centrais no tocante à incorporação das TICs por esse movimento. Mesmo no caso da SOMOS, apontada como uma organização mais jovem, fundada por jornalistas e, portanto, inserida na ampla utilização das TICs desde o seu início, seu representante também aponta essas contradições, destacando o uso perverso e distorcido que por vezes é feito de seus conteúdos, inclusive por pessoas da própria comunidade LGBT, sobretudo em termos de transfobia.

Surge na fala do representante da SOMOS, ainda, a questão dos *haters*, pessoas que se utilizam de identidades anônimas nas redes e mídias sociais para disseminar comentários de ódio, inclusive com violência e ameaças, algo que se destacou como problemático para a utilização das TICs pelos movimentos LGBT.

Mas as contradições mais sensíveis ao movimento indígena, segundo o relato de seu representante, diziam respeito aos conflitos geracionais, já analisados acima, ao mesmo tempo em que muitas lideranças jovens conseguiram maior difusão de suas pautas e de disseminação da cultura e conhecimentos indígenas por meio do *Youtube*.

Em semelhante sentido a representante do Movimento de Mulheres Olga Benário destacou em sua fala que o movimento, apesar de existir desde 2011, se empenhou na organização do uso das TICs, principalmente o *Instagram* e o *Facebook*, criando uma comissão de comunicação – por meio dos quais, inclusive, conseguem compartilhar conteúdos como cartilhas e orientações técnicas, além de organizar reuniões e chamadas para mutirões.

Ainda segundo a representante do Movimento de Mulheres Olga Benário, um resultado importante foi a partir de um uso mais coordenado e organizado das TICs foi um *boom* de militantes novas para o movimento, em especial durante a pandemia.

Para além da questão geracional, observa-se em comum aos movimentos entrevistados que a utilização de mídias sociais *mainstream* como o *Facebook*, o *Instagram* e o *Youtube* trouxe impactos positivos em sua atuação, seja pela possibilidade de maior disseminação de materiais teóricos e políticos, seja pelo combate às distorções e *fake news* propaladas, ou, ainda, pela capacidade de atrair mais integrantes ao movimento.

Gerbaudo (2017), em suas pesquisas de campo ao entrevistar ativistas de movimentos sociais de todo o planeta, sobretudo no contexto de protestos, identificou que a apropriação dos movimentos de redes e mídias sociais *mainstream*, como o *Facebook* e o *Twitter*, foi fundamental para que atingissem um público maior, ao que denominou de “estratégia ciber-populista mais pragmática de ocupação do *mainstream* digital”⁴.

Um exemplo emblemático do autor e de fácil comparação com os movimentos entrevistados é do Movimento Jovem 6 de Abril, atuante na revolução egípcia, que avançou do uso da internet como uma plataforma de coordenação interna das ações políticas do movimento à distância para uma utilização publicizante de maximização da comunicação de massa do movimento (GERBAUDO, 2017, p. 145).

Ainda segundo o italiano (GERBAUDO, 2017), nos movimentos em que observou na pesquisa de campo, a utilização como meio de disseminação em massa das pautas dos movimentos de mídias e redes sociais *mainstream* se deu a partir de uma substancial mudança estilística em relação às comunicações mais tradicionais:

[...] textos mais “descolados” para as postagens, evitando a prolixidade e a dificuldade de compreensão da Esquerda militante; expressão carregada de emoção para prospectar possíveis participantes; conteúdo visual abundante na forma de memes, imagens e vídeos; e aproveitando da lógica da interatividade e da pluralidade interativa na produção de conteúdo,

4Tradução nossa para o original em inglês: “[...] more pragmatic cyber-populist strategy of occupation of the digital mainstream [...]” (GERBAUDO, 2017, p. 139).

como visto nos blogs coletivos ativistas (GERBAUDO, 2017, p. 147)⁵.

Na fala do representante da SOMOS e do movimento indígena, essa questão é evidente, em especial na primeira, ao se reportar a preocupação estética e de design na produção de conteúdo digital e, na segunda, pela possibilidade de se mostrar a um público maior a cultura e a vivência indígenas sem distorções da mídia tradicional.

Quanto ao Movimento de Mulheres Olga Benário, resta evidente que sua utilização das TICs, assim como apontado por Gerbaudo (2017, também foi importante para a expansão do movimento e articulação de novas integrantes, reforçando a importância do uso político das TICs.

Para esse autor (GERBAUDO, 2017, p. 148), o uso das mídias sociais para atrair novas pessoas integrantes, por meio de convites de *Facebook* e de postagens mostrando o crescimento numérico do movimento em termos de seguidoras e seguidores, curtidas e compartilhamentos evidenciam o fato de que a comunicação por mídia social é direcionada à motivação de participantes “[...] infundindo-lhes um senso de entusiasmo coletivo, ou o que já descrevi em outra ocasião como ‘entusiasmo digital’, sobretudo em virtude da dispersão física e da individualização de suas interações online”⁶.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo representa uma aproximação a temática da apropriação das TICs pelos movimentos sociais e os impactos sobre as organizações e as relações internas do movimento. É possível detectar potencialidades, limites e contradições.

A apropriação das TICs pelos movimentos sociais trouxe o debate de que as

⁵Tradução nossa para o original em inglês: [...] crisp text for posts, avoiding the verbosity and obscurity of the militant Left; emotionally charged expression to motivate prospective participants; abundant visual content in the form of internet memes, pictures and videos; and the harnessing of the logic of interactivity and crowd-sourcing, as seen in collective activist blogs” (GERBAUDO, 2017, p. 147).

⁶Tradução nossa para o original em inglês: [...] infusing them with a sense of collective enthusiasm, or what I have described elsewhere as ‘digital enthusiasm’, all the more importante due to the physical dispersion and individualisation of their online interactions” (GERBAUDO, 2017, p. 148).

desigualdades de acesso à internet são marcantes nos movimentos e espelham as desigualdades estruturais da sociedade brasileira. Trouxe também que o uso é distinto entre as diferentes gerações que compõem o movimento social (jovens, adultos e idosos). Porém essas questões não paralisaram os movimentos sociais ouvidos durante o ápice da pandemia, sendo possível concluir que a incorporação das TICs - ou mesmo o aperfeiçoamento do seu uso no caso dos movimentos sociais que já ocupavam as redes - é um processo de expansão do repertório ainda em debate e construção coletiva.

Castells (2012) sustenta que a internet e a comunicação sem fio são fundamentais para os movimentos, ainda que não sejam forças motrizes, tais quais as contradições e os conflitos sociais. Sustentamos, todavia, que, no contexto capitalista periférico brasileiro, o acesso de qualidade às TICs e ao conhecimento de como usá-las é necessariamente precedente. Somente ao se garantir as condições materiais de acesso às TICs e ao conhecimento necessário, torna-se possível aos movimentos avançar no debate dos significados e potencialidades dos novos repertórios tecnológicos, bem como seu significado cultural.

Mesmo com limitações, é expressivo o crescimento do uso das TICs pelos movimentos sociais, para manter a organização, resistir as contrarreformas e desmonte das políticas sociais e combater as variadas formas de opressão de classe, raça, gênero e sexualidade. Ao mesmo tempo percebe-se que para os movimentos sociais, ouvidos em nossas rodas de conversa, as atividades *online* não substituem as ações presenciais, nos territórios e nas ruas. Há uma intersecção entre as redes e as ruas, que potencializam e amplificam as lutas.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Telmo; STRECK, Danilo R. Educação Popular e novas tecnologias. *In: Educação*, Porto Alegre, vol. 33, nº 2, p. 119-127, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/7346>. Acesso em:

XXXX.

ALCÂNTARA, Lívia Moreira de. Ciberativismo e a Dimensão Comunicativa dos Movimentos Sociais: repertórios, organização e difusão. *In: Política & Sociedade*, Florianópolis, vol. 15, nº 34, p. 315-338, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2016v15n34p315>. Acesso em: 30 de agosto de 2022.

ARRETCHE, Marta. A geografia digital no brasil: um panorama das desigualdades regionais. *In: COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. Desigualdades digitais no espaço urbano [livro eletrônico]: um estudo sobre o acesso e o uso da Internet na cidade de São Paulo*. COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL/Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR [editor]. São Paulo, 2019, (CAPÍTULO 1). Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/7/11454920191028-desigualdades_digitais_no_espaco_urbano.pdf. Acesso em: 30 de agosto de 2022.

BARBERO, Jesús Martín. Tecnicidades, identidades, alteridades: des-ubicaciones y opacidades de la comunicación en el nuevo siglo. *In: Diálogos de la comunicación*, Lima, nº 64, p. 9-24, 2002. Disponível em: https://www.infoamerica.org/documentos_pdf/martin_barbero1.pdf. Acesso em: 30 de agosto de 2022.

CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

CHAVES, Ana Claudia Teixeira; PISMEL, Adriana Cattai. **O que reivindica a sociedade civil: manifestos públicos em tempos de Covid-19**. *In: 20º Congresso Brasileiro de Sociologia 12 a 17 de julho de 2021 UFPA – Belém, PA GT 10 - Movimentos sociais, protestos e ativismos em contextos de crises: abordagens analíticas e empíricas*.

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. **Colonialismo Digital: Por uma crítica hacker-fanoniana**. 1 ed. São Paulo: Editora Raízes da América, 2022.

GARRETT, Kelly R. Protest in an Information: a review of literature on social movements and new ICTs. *In: Information, communication and society*, vol. 9, nº 2, p. 202-224, 2011.

GERBAUDO, Paolo. **The mask and the flag: populism, citizenism, and global protest** (edição inglesa – livro eletrônico). Oxford: Oxford University Press, 2017.

MADRIGAL-BORLOZ, Víctor (org.). **Informe del Experto Independiente sobre la protección contra la violencia y la discriminación por motivos de orientación sexual o identidad de género**. 2020. Relatório da Assembleia Geral das Nações Unidas - Distr. general 28 de Julho de 2020. Disponível em: <https://documents-ddp-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N20/197/65/PDF/N2019765.pdf?OpenElement>. Acesso em: 30 de agosto de 2022.

OXFAM. **O vírus da desigualdade**. 2021. Disponível em <https://materiais.oxfam.org.br/o-virus-da-desigualdade>. Acesso em: 30 de agosto de 2022.

,